

As redes de
Hilária
Batista de
Almeida -
Tia Ciata
(1854-1924)
entre Bahia e
Rio de Janeiro

Exposição virtual



Foto: Rodolpho Frederico Francisco Lindemann.
Séc. XIX.

“É preciso imagem para recuperar a identidade, tem que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro. O corpo de um é o reflexo do outro e em cada um reflexo de todos os corpos”.

Beatriz do Nascimento,
Documentário “Ôrí”, 1989.



Máquina fotográfica de madeira, século XIX.

Apresentação

Esta exposição virtual é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso que teve como objetivo investigar a história de vida de Hilária Batista de Almeida (1854-1924), mais conhecida como tia Ciata, dando destaque às relações estabelecidas por redes afetivas e religiosas na Bahia e Rio de Janeiro. O estudo foi realizado a partir de fontes iconográficas, audiovisuais, jornais impressos e bibliografia.

A presente exposição foi construída para pensar as trajetórias de mulheres negras, no período escravista e no pós-abolição, período em que encontrava-se em voga o racismo científico e o projeto de embranquecimento que favorecia a migração europeia ao Brasil. A maior parte das representações das mulheres negras no século XIX tinha como pano de fundo a diferenciação e classificação racial, o trabalho escravo e a exotização dos seus corpos. As imagens produzidas também reforçavam o discurso de que as famílias negras eram desestruturadas pelo fato de não ser composta por um núcleo patriarcal ou nuclear. A narrativa imagética aqui apresentada nos permite desvendar espaços de permanência e mudança na forma como estas representações foram produzidas.

Essas representações também nos possibilitam pensar as ausências e silêncios sobre as experiências de vida das figuras femininas negras em diferentes espaços sociais, como na religião, no trabalho e nas artes.

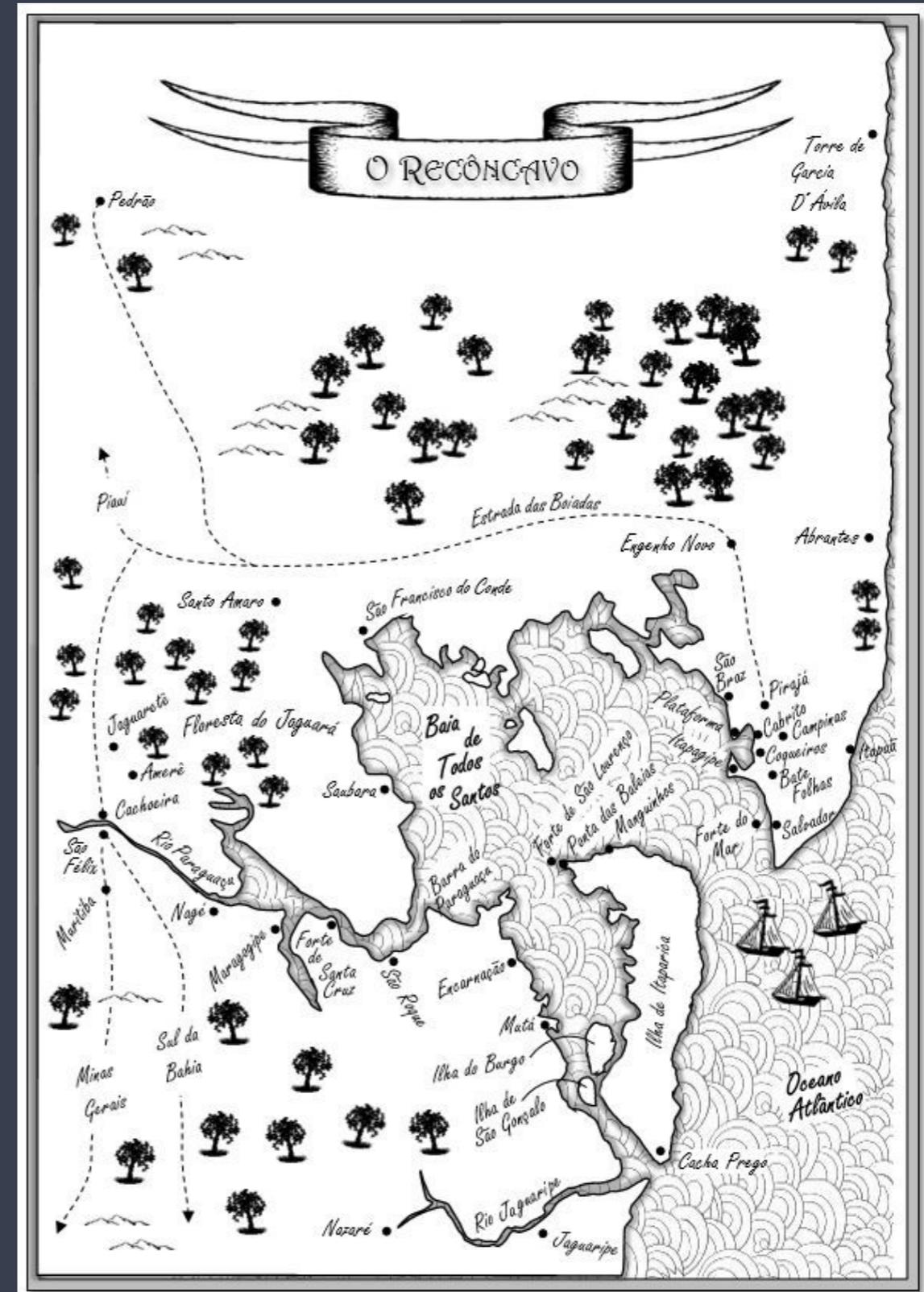
As biografias de mulheres negras apontam caminhos para pensar as trajetórias de resistência e de representação das mulheres negras no âmbito do Ensino de História. Investigar essas experiências é uma via para se trabalhar a Lei 11.645/2008, que inclui no currículo oficial das escolas, públicas e privadas, a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. A pesquisa e a exposição apresentam mais uma via para nos aprofundarmos sobre a história do povo negro e suas contribuições a partir dos seus processos de resistência e da sua política do cotidiano, no âmbito das relações familiares, religiosas, festivas e de trabalho.

Luliane Sousa dos Santos - Bacharela em Humanidades e licenciada em História (UNILAB)

Ciata no Recôncavo Rebelde

O Recôncavo Baiano foi palco de inúmeras rebeliões escravas que aconteceram na Bahia no século XIX e por esse motivo foi denominado pelo historiador João Reis (1986) como Recôncavo Rebelde. Entre documentos e estudos, o Recôncavo é retratado a partir das formações de quilombos, das revoltas escravas e de uma vivência cotidiana rebelde da população.

Você já ouviu falar de alguma revolta escrava? Como o Recôncavo é representado no mapa?



Mapa do Recôncavo Baiano no século XIX. Autor: Dan Massil, 2022.



Mapa atual do Recôncavo Baiano (SILVA et al, 2006).

Santo Amaro-BA no século XIX

Hilária Batista de Almeida nasceu no ano de 1854, no Recôncavo Baiano, especificamente no município de Santo Amaro da Purificação-Ba, terra de Emanuel Araújo, Mãe Lídia, Nicinha do Samba, Edith do Prato, dentre outras pessoas importantes no campo das artes. No século XIX, passava uma estrada de ferro em Santo Amaro que interligava Maranhão e Minas Gerais. Isso facilitou o comércio do açúcar no Recôncavo Baiano, produzido a partir de mão de obra escravizada. Em 1837, a vila foi reconhecida como cidade de Santo Amaro. A circulação à vapor na cidade iniciou-se dez anos depois, juntamente com a navegação até a cidade de Salvador.



Cartão postal de Santo Amaro-Ba. Litografia. Vista do Subaé. Editor: J. Mello, Bahia. À venda em site de leilão. Apresenta uma correspondência de Mariarlinda enviada em 1904 a Alicepara um endereço em Levallois-Perret, França.

O Rio Subaé nasce na cidade de Feira de Santana-Ba e segue para Santo Amaro até desaguar na Baía de Todos os Santos. É um rio de grande importância histórica para o Recôncavo Baiano e para a Cidade de Santo Amaro. No século XIX foi um canal de ligação da cidade com o mundo.

O Rio Subaé seguiria representando a cidade em um postal? Quais seriam outras representações possíveis da cidade?



Vista do Rio Subaé. Santo Amaro da Purificação, 1859. Foto de Benjamin R. Mulock. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2022.

Famílias negras e espaços de sociabilidade na Bahia

Na Bahia oitocentista, se firmaram nas comunidades negras, famílias amparadas para além dos laços de sangue. As redes de apoio e solidariedade ancoraram a recriação dos laços de família, o que pode ser evidenciado a partir das várias formas de parentesco simbólico ou ritual. A título de exemplo, temos as relações de compadrio, das "famílias de santo" e irmandades católicas de negros (REIS, 2007). Os/as africanos/as e seus descendentes utilizaram-se dessas relações, formando famílias extensas, compostas por parentes de consideração e companheiros de trabalho, articulando uma rede de solidariedade.

Os lugares apresentados aqui são espaços históricos por onde Tia Ciata passou e criou laços entre Bahia e Rio de Janeiro.

Segundo a literatura, Tia Ciata era uma praticante do candomblé e iniciada no Terreiro da Casa Branca, o que lhe rendia, muitas vezes, a fama de "feiticeira" (GOMES, 2013; MACHADO, 2013; ALMEIDA; 2020). Há relatos também de que Tia Ciata tenha integrado a Irmandade da Boa Morte, mais conhecida, atualmente, pelos cortejos em celebração à Nossa Senhora da Boa Morte, que acontece anualmente no mês de agosto na cidade de Cachoeira (BRITTO, 2020).

Igreja da Barroquinha | Salvador-BA

Em 1764, a Igreja da Barroquinha sediou a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios, formada por escravizados. A igreja católica foi também sede da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte fundada em 1820. Ainda no século XIX, essa tradicional irmandade negra se transferiu para a cidade de Cachoeira.

Ao redor da Igreja da Barroquinha foi sediado o Ilê Axé Airá Intilê, também conhecido como Candomblé da Barroquinha. Este deu origem ao Terreiro que Tia Ciata foi iniciada em Salvador, o terreiro da Casa Branca do Engenho Velho (BRITO, 2020).

O Candomblé da Barroquinha deu origem também a dois outros terreiros importantes localizados na cidade de Salvador: o Gantois e o Ilê Axé Opô Afonjá. Atualmente, não há vestígios do antigo Candomblé da Barroquinha. Ainda assim, ele é citado como um exemplo de resistência religiosa de matriz africana da cidade de Salvador.



Igreja da Barroquinha por volta do século XIX – Arquivo: Fundação Gregório de Mattos.

O terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Ojá

O terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Ojá, conhecido também como A Casa Branca do Engenho Velho, foi fundado em 1830, na cidade de Salvador-BA, cinco anos antes da "Revolta dos Malês", ocorrida em 1835, na mesma cidade.

O terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Ojá é o terreiro de candomblé mais antigo do qual se tem registros em Salvador. Instalou-se no bairro da Barroquinha e depois no Engenho Velho do R. Vermelho de Baixo, sua localização atual.

Iyá Acalá, Iyá Adetá e Iyá Nassô-Francisca da Silva são apontadas como três mulheres fundadoras da comunidade de terreiro que funciona por sucessão, geralmente de mulher para mulher, extrapolando a consanguinidade.

Qual a importância desses espaços religiosos para o povo negro?



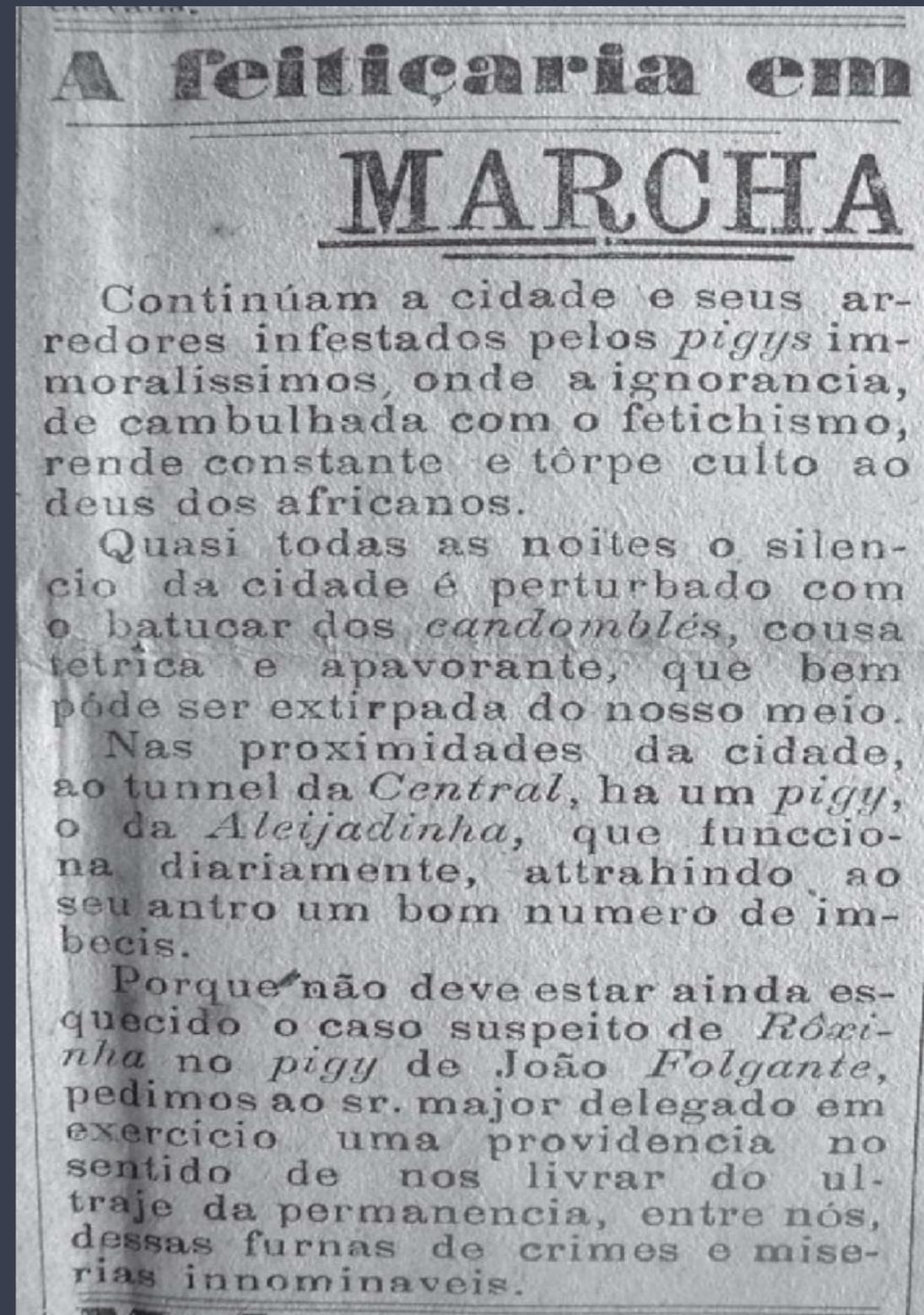
Casa Branca em dia de festa de Oxóssi em 1985. Foto: A TARDE, CEDOC, 07.06.1985.

Perseguição aos terreiros de candomblé

As narrativas de perseguição aos terreiros e povo de santo estão presentes na história de africanos/as e afrodescendentes no Brasil desde o século XIX. O racismo religioso atravessa a trajetória de Tia Ciata. O seu deslocamento para Salvador e posteriormente para a cidade do Rio de Janeiro, onde chega em 1876, segundo a literatura, está fundamentada na fuga da perseguição religiosa e na possibilidade de melhoria das condições de vida (CORRÊA, 2018; THEODORO, 2009; SILVA, 2014; RAPOSO et al., 2020; MOURA, 1995).

Com a experiência de migração dos baianos para o sudeste, ainda no século XIX, há um deslocamento da tradição do candomblé e do samba para o Rio de Janeiro. Há diversas notas e matérias publicadas nos jornais da Bahia nas primeiras décadas do século XX a respeito da repressão policial aos terreiros de candomblé e às suas práticas religiosas.

A perseguição aos terreiros de candomblé ainda se faz presente. O termo racismo religioso é conhecido para você? O que ele pode significar?



Jornal A Ordem, 18 de abril de 1915. "A feitiçaria em marcha", (SANTOS, 2009).

E' DA ÉPOCA.

Um policial que "batúca"

Domingo ultimo, á tarde, foi visto um policial, pertencente ao destacamento aqui estacionado, num *batuque*, tocando *tabaque*.

O *batuque*, que é um divertimento detestavel e incommodativo importado da Africa pelos negros para o Brasil vindos antes da magnanima lei de Euzebio de Queiroz, realizava-se sobre o tunel do ramal da *Central da Bahia*, no logar denominado *Capapina*.

Ignoramos o nome do soldado *batuqueiro* e por isto não o indicamos á benemerencia deste pobre povo e do governo a que elle serve tão *heroicamente*.

E' da época, não ha duvida...

A' policia

Em nosso escriptorio de redacção vieram nos pedir pra chamar a attenção da policia sobre um *samba* que quasi todas as noites se faz á rua do Rosario d'esta cidade, com grande incommodo para os moradores da mesma rua e de suas adjacencias.

Além do vexame de tal divertimento produz á visibilidade, accresce que della destaca-se grande vozzeria de obscenidades, que muito offende o decôro das senhoras honestas que ali residem.

Attendendo a tão isto pedido, com o que deixamos escripto, esperamos que a policia cumprirá com o seu dever.

Jornal A Ordem, 27 de maio de 1914. "Um policial que "batuca" (SANTOS, 2009).

Jornal A Ordem, 9 de maio de 1903. "A policia" (SANTOS, 2009).

A Irmandade da Boa Morte

No Brasil Colônia e já com o país independente, mas ainda escravocrata, proliferaram irmandades que se organizaram a partir da categoria racial, de nação, de classe social, de ocupação, entre outras.

Quando a Irmandade da Boa Morte se transferiu para Cachoeira, foi instalada em uma casa na Rua da Matriz (atual Rua Ana Nery, 41). Sabe-se que na residência havia um grande fluxo de africanos frequentadores do espaço.

“(…) um dos motivos para que essa transferência tenha ocorrido foi a facilidade de comunicação entre Salvador e Cachoeira, com a implantação em 1817 da navegação a vapor, e que a Irmandade da Boa Morte inicialmente se instala numa residência conhecida como Casa Estrela, de número 41, que pertencia a uma africana de nome Karoxa, sendo certo que a Irmandade no ano de 1883 já funcionava em Cachoeira (…)” (ISIDORO, NASCIMENTO, 1988 apud VERENA, 2013, p. 41-42).

Hoje, a atual sede da Boa Morte, conhecida como Centro Cultural da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, está instalada na rua Treze de Maio, número 32. O nome da rua faz referência ao dia da Sanção da Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil em 1888. É da sede que sai o cortejo religioso em homenagem à Nossa Senhora da Boa Morte todos os anos.



Cortejo da Irmandade da Boa Morte, Cachoeira-BA. Foto: Aristides Alves, 1984. Arquivo Bahiatursa.

A partir da observação das imagens acima e abaixo, reflita sobre as características dessa Irmandade.



Integrantes da Irmandade da Boa Morte, em frente à Casa Estrela, primeira sede da Irmandade na cidade de Cachoeira-BA. Foto: Jomar Lima / Arquivo Pessoal.



Mulheres da Irmandade da Boa Morte. Foto: Adenor Gondim. Acervo do Museu Afro Brasil – MAB.



“Negras baianas com vestimentas típicas”. Fotografia publicada em, “O negro na Bahia” (1946), de Luiz Viana Filho.

Duas mulheres integrantes da Irmandade da Boa Morte. Elas têm sido identificadas como Tia Ciata e Tia Josefa em diversas publicações. Em outras, Tia Ciata é apresentada como a mulher do lado direito. **Por que as mulheres dessa fotografia não estão identificadas pelos seus nomes?**

Tia Ciata na fotografia

No século XIX, as fotografias estavam restritas a uma elite comercial e política. A fotografia acima foi feita em um momento em que fotógrafos viajantes buscavam registrar suas observações sobre a sociedade colonial de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

É possível localizar fotografias de mulheres e homens africanos e afrodescendentes escravizados/as, forros/as e libertos/as, que viviam no Brasil, e, posteriormente, de afrodescendentes no pós-abolição. As fotografias atribuídas à Tia Ciata são desse período e contexto. Nessas imagens, suas representações fogem do paternalismo da família branca, presente em diversas fotografias de escravizadas e escravizados domésticos junto com suas senhoras e senhores e/ou seus filhos e familiares (KOUTSOUKOS, 2010).

A população africana e crioula era retratada em ambientes externos, como vemos acima, mas também em estúdios com seus cenários artificiais. As pessoas fotografadas aparecem de maneiras variadas (SCHWARCZ, 1993). Portam objetos, jóias, roupas que simbolizam uma posição social, mas também sua identidade religiosa.



Bisneta de Tia Ciata, Gracy Mary Moreira. Foto: Cíntia Cruz. Extra, 2017.

A seguir, vemos uma outra fotografia, exibida em postal, atribuída à Tia Ciata, dessa vez reconhecida pela sua bisneta, Gracy Mary Moreira, responsável pela Casa de Tia Ciata no Rio de Janeiro.



Creoula da Bahia 29/6/07

Saudades e lembranças —

Lindemann, Bahia

O fotógrafo alemão Rodolpho Frederico Francisco Lindemann (ca. 1852-s.d), que assina o registro, atuou no Brasil no século XIX e foi sócio do fotógrafo suíço Guilherme Gaensly, com quem dividiu um estúdio no Largo do Theatro, em Salvador.

Lindemann tem registro de participação como expositor na Exposição Universal de Paris e realizou visitas em Alagoas e Pernambuco, produzindo também retratos de escravizados e negros libertos em estúdio a partir do que o mesmo entendia como os gestos e costumes.

Uma parte dessas fotografias foi explorada na chave do exótico e vendida na forma de cartões postais, como souvenir aos estrangeiros, colecionadores e/ou curiosos, atendendo, sobretudo, à demanda do mercado europeu no período (KOUTSOUKOS, 2010).



A mulher aqui fotografada por Marc Ferrez (1885) é identificada como Tia Ciata em algumas publicações, e em outras aparece como representação da lendária Aqualtune de Palmares (séc. XVII). Na história da fotografia brasileira, os registros de mulheres negras aparecem, muitas vezes, rotulados por um perfil racial e/ou regional, como "crioula" ou "negra" da Bahia. As mulheres fotografadas não são identificadas pelos seus nomes próprios, mas muitas vezes o registro leva a assinatura do fotógrafo.

O que se destaca na vestimenta e nos adereços da mulher deste postal? Eles são familiares para você?

Coleção: Negra da Bahia, c. de 1885. Salvador, Bahia. Acervo do Instituto Moreira Salles IMS.

Diáspora baiana no Rio de Janeiro do século XIX

Em 1876, cinco anos após a lei do Ventre Livre, Tia Ciata migrou para a cidade do Rio de Janeiro. O fluxo migratório da população negra baiana para o sudeste foi direcionado para as cidades, mas também para o centro da plantação de café, no Vale do Paraíba (RJ/SP).

Foi no Rio de Janeiro que Tia Ciata se tornou uma referência no ramo dos quitutes, da costura e aluguéis de roupas, assim como das festas negras, fundamentadas nos sambas realizados em sua casa. Localizada na atual Praça Onze, essa região portuária, onde ficava o Cais do Valongo, se tornou conhecida como "Pequena África".

No final do século XIX e início do século XX, a região abrigou famílias negras imigrantes, principalmente baianas, mas também imigrantes judeus, recém desembarcados e outros europeus, vindos principalmente de Portugal, Espanha e Itália (SILVA, 2015).

O Cais do Valongo, era um dos principais portos de entrada de africanos escravizados no Brasil e nas Américas, localizado no Rio de Janeiro (RJ). Durante o regime escravocrata, o Brasil recebeu em torno de 4 milhões de africanos. Dentre eles, milhares desembarcavam, anualmente, pelo Cais do Valongo, que recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2017.

Os vestígios arqueológicos do Cais do Valongo, localizado no centro da "Pequena África", indicam o lugar onde funcionava o comércio de africanos/as. Com a proibição do comércio de escravizados, em 1831, o Cais do Valongo foi fechado, apesar do comércio de escravizados continuar funcionando ilegalmente até 1888. Qual a importância da identificação e registro desses vestígios?



O Cais do Valongo foi aterrado em 1843 e transformado no Cais da Imperatriz, em razão da chegada da Princesa Teresa Cristina, futura esposa de D. Pedro II. Fotografia do século XIX.



Praça Onze em 1920, com a Escola Benjamin Constant. ao fundo, aspalmeiras do Mangue, no Centro. Foto: Augusto Malta.

CAIS DO VALONGO

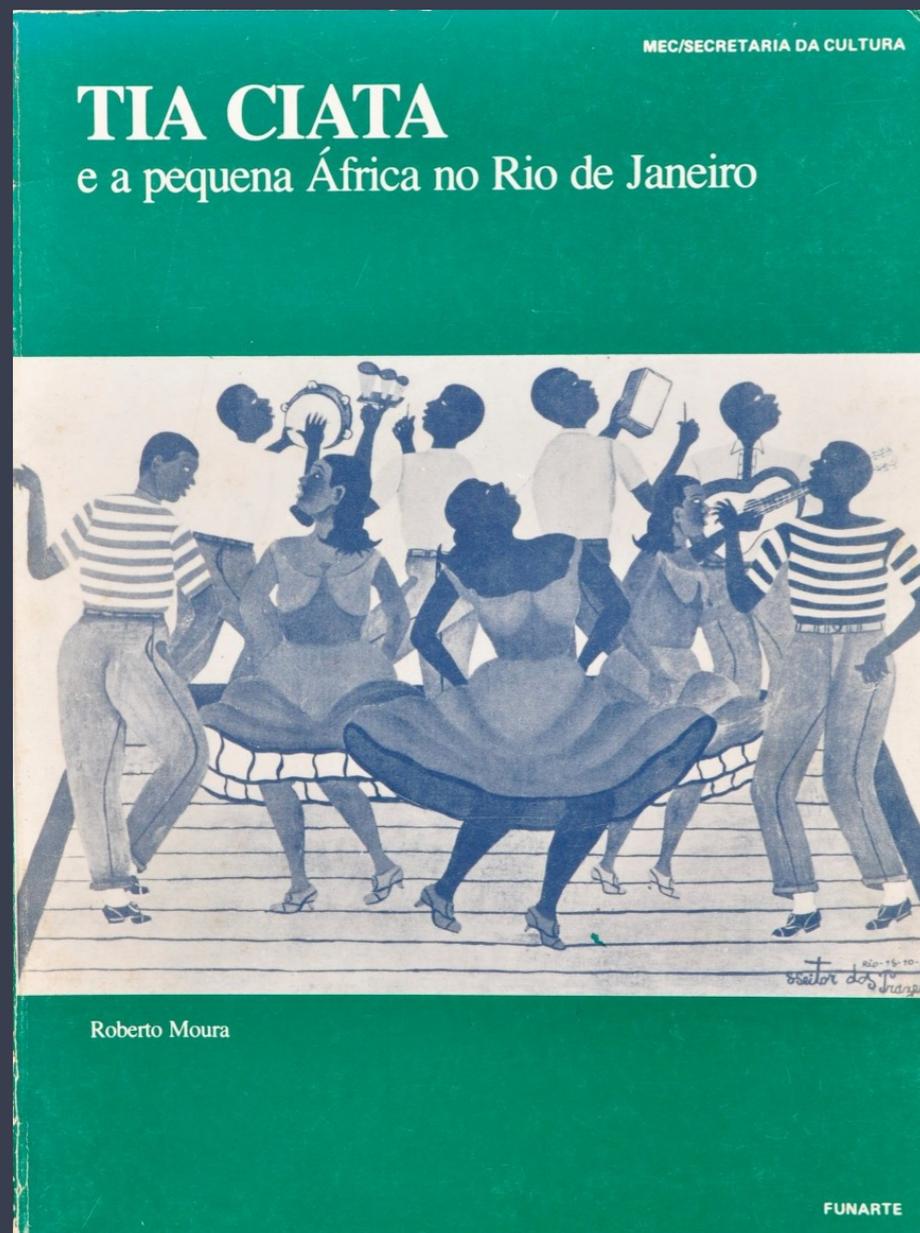
Ancestralidade - Memória - Respeito

Lavagem simbólica em homenagem aos ancestrais escravizados que desembarcaram no Cais e pelo terceiro ano de Titulação do Valongo como Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Sábado, 11 de julho às 10h.



À esquerda, capa do livro de Roberto Moura (1995) com reprodução de obra de Heitor dos Prazeres (1898–1966), sambista, compositor, cantor e artista plástico, nascido no Rio de Janeiro, e frequentador dos sambas da casa da Tia Ciata. À direita, imagem de Heitor dos Prazeres em seu ateliê no Rio de Janeiro.



Heitor dos Prazeres em seu ateliê. Foto: Reprodução/Arquivo pessoal.

Entre famílias, trabalho e samba

O “grupo das tias baianas” é o nome dado a numerosas mulheres negras, muitas delas do Recôncavo Baiano, que partiram da Bahia rumo ao Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX. Tia Ciata se tornou uma referência no grupo das tias baianas pela sua liderança religiosa, mas também pela fama de realizar a cura de diversas pessoas doentes, como o famoso caso do político Venceslau Brás Pereira Gomes.

Na nova cidade, Tia Ciata, filha de Oxum, continuou frequentando o candomblé e se tornou Iyá Kékeré (mãe pequena) do terreiro de João Alabá de Omolu, fundado pelo babalaô Bamboxê Obiticô, natural de Oyo (Nigéria) e residente na Bahia.

O terreiro de João Alabá também ficava na região portuária do Rio e ficou conhecido como filial do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá de Salvador.

O sacerdote abrigou em seu terreiro diversas filhas e filhos de santo vindas/os da Bahia, como Tia Ciata, Tia Carmem do Ximbuca e, mais tarde, Iyá Davina. Com a morte da sucessora de João Alabá, Iyá Davina tornou-se ialorixá da Casa Grande de Mesquita, que deu continuidade ao terreiro do sacerdote.

Graças ao poder de cura de Tia Ciata, ela própria negociou a liberação das atividades religiosas e festivas de matrizes africanas em sua casa, naquela altura proibidas pelo Estado (GOMES, 2021; SANTOS et al., 2020; ROCHA, 2015).



Foto na Casa-Grande de Mesquita. Iyá Davina sentada. Da esquerda para a direita, Mãe Dêja, irmã biológica de Mãe Meninazinha, Florzinha, Tia Mocinha e Lourdes d'Iansã. Foto do arquivo do Ilê Omolu Oxum Omolu, Rio de Janeiro.

Dentre as inúmeras tias que exerciam papel de liderança em comunidades de terreiros, na relação de trabalho urbano, como quituteiras, quitanteiras ou em empreendimentos comerciais no centro do Rio, há relatos sobre Tia Bebiana, Tia Celeste, Tia Dadá, Tia Davina, Tia Gracinda, Tia Mônica, Tia Perpétua, Tia Sadata, Tia Veridiana e Tia Perciliana, mãe do sambista e compositor João da Baiana (1887-1974).

Além de gravar o famoso samba "Batuque na Cozinha", João da Baiana foi um dos pioneiros na gravação de pontos de umbanda, com o grupo João da Baiana e Seu Terreiro. Como percussionista, tocava pandeiro e o prato e faca, utilizados como instrumento no samba de roda do Recôncavo Baiano, mas também nos sambas da casa de Tia Ciata.

Como as mulheres aparecem representadas na fotografia ao lado? O que podemos refletir sobre a atual presença de mulheres em rodas de samba?



Sambistas reunidos/as com seus instrumentos. Foto: autoria desconhecida. Rio de Janeiro, 1920. Site da Fundação Cultural Palmares.

No célebre livro de Mário de Andrade, "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter", publicado em 1928, o autor exalta a Tia Ciata como liderança religiosa, compositora e instrumentista. Há relatos de que Tia Ciata tenha participado da composição do samba "Pelo telefone", registrado por Donga (1889-1974) em 27 de novembro de 1916 na Biblioteca Nacional. A música teria sido composta em uma das festas da casa de Tia Ciata e essa é uma possível referência para o trecho abaixo de Macunaíma (Mário de Andrade, 1928).

"Pais-de-santos são os feiticeiros-mores, em cujas casas se realizam as macumbas. São obrigados a realizá-las nos dias exatos [...]. Às vezes a fama de certos pais-de-santos se espalha. Uma das mais recentes mães-de-santo (pois que podem também ser mulheres) famosas foi tia Ciatha, mulher também turuna na música dizem. Passava os dias de violão no colo inventando melodias maxixadas e falavam mesmo as más línguas que muito maxixe que correu Brasil com nome de outros compositores negros era dela apropriações mais ou menos descaradas".

O trabalho como quituteira foi uma das atividades realizadas por tia Ciata para sustentar a si e a seus 14 filho/as. As quituteiras ou quitandeiras, no século XIX, eram mulheres escravizadas, livres ou forras que trabalhavam nas ruas com preparação e venda de comida no centro da cidade. Essa é uma atividade ainda presente nas ruas da cidade? Quem costuma exercê-la?



Quitandeiras na rua do Rio de Janeiro. Foto: Marc Ferrez, 1875. Acervo Instituto Moreira Salles.



Ganhadeira no Rio de Janeiro- RJ. Foto: Christiano Jr, século XIX.

“Além de doceira, Tia Ciata era perita em toda a cozinha nagô, no xinxim de galinha de Oxum feito com azeite de dendê, cebola, coentro, tomate, leite de coco e azeite, no acarajé de feijão branco e camarão, no sarapatel de sangue de porco e miúdos, prato espantoso para o paladar ocidental, ou no tradicional vatapá baiano, ainda uma receita tradicional, com caldo de cabeça de peixe”. (MOURA, p. 102, 1995)



Baiana produzindo e vendendo acarajé na calçada. Registro provável do início do século XX. Foto: Associação Nacional das Baianas de Acarajé.

Tia Ciata e os Ranchos

No carnaval, a família de Ciata saía nos ranchos “Rosa Branca” e no “Macaco é Outro” (MOURA, 1995, p. 103). Esse último foi fundado na casa da Tia Ciata, na rua Visconde de Itaúna, 117. Os ranchos também eram associações que participavam da organização e dos desfiles de carnaval que saíam da Praça Onze. “São os baianos no Rio de Janeiro, grupo constituído, em grande parte, por sudaneses e seus descendentes, que introduzem os ranchos na cidade” (MOURA, 1995, p. 131). As ações coletivas em torno da organização dos ranchos, envolvia a costura e bordado das roupas, a confecção de ornamentos, instrumentos de percussão e a criação das músicas. “A casa de Hilária se torna um dos pontos principais do itinerário dos cortejos, como fora anteriormente a casa de Tia Bebiana, todos os ranchos passando debaixo de sua janela para prestar homenagem à bamba Ciata, que, rainha, em sua roupa de baiana, saudava o grupo” (MOURA, 1995, p. 103 - 104).



Desfile de Carnaval do Rio entre entre 1900 e 1930. Foto: Arthur Ramos. Biblioteca Nacional.

A música dos desfiles dos ranchos carnavalescos também foi marcado pela participação das mulheres. Nomeadas como "pastoras", em sua maioria mulheres negras, elas formavam o coral que entoavam o enredo.



Pastoras do rancho "Flor do Abacate". O Malho, 1920, Biblioteca Nacional (NEPOMUCENO, 2013).



Rancho criado por Tia Ciata se chamava *O macaco é outro*

Rancho "O macaco é outro", fundado na casa da Tia Ciata. Revista da Semana, 1911, Biblioteca Nacional (NEPOMUCENO, 2013).

As famílias de Ciata religiosa e afetiva

No contexto do candomblé e da Irmandade da Boa Morte há uma relação de irmandade da Tia Ciata, com mulheres, consideradas suas irmãs: tia Anita D'Oxum; Sinhá Gorensa; Paraná; Eugênia Anna dos Santos, conhecida como Mãe Aninha; Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida como Mãe Senhora; Satira; Juliana; Sabina; Caetana; Maria José; Apolinária; Justiniana; Xandinha; Zina; Maria de Melo; Sinhá Abale; Maria Agda de Oliveira, dentre muitas outras mulheres (NASCIMENTO, 1998).

No seu novo terreiro, no Rio de Janeiro, tinha como irmãs e amigas: Carmem Teixeira da Conceição, tia Carmem do Ximbuca; tia Bebiana de Iansã, a tia Bebiana, tia Perciliana, tia Veridiana, tia Sadata da Pedra do Sal. Essas tias também eram quituteiras e faziam parte das redes de trocas e de solidariedade construídas na comunidade baiana no Rio de Janeiro.

“Tinha na Pedra do Sal, lá na Saúde, ali que era uma casa de baianos e africanos, quando chegavam da África ou da Bahia. Da casa deles se via o navio, aí já tinha o sinal de que vinha chegando gente de lá. (...) Era uma bandeira branca, sinal de Oxalá, avisando que vinha chegando gente. A casa era no morro, era de um africano, ela chamava Tia Dadá e ele tio Osum, eles davam agasalho, davam tudo até a pessoa se aprumá (...)”.

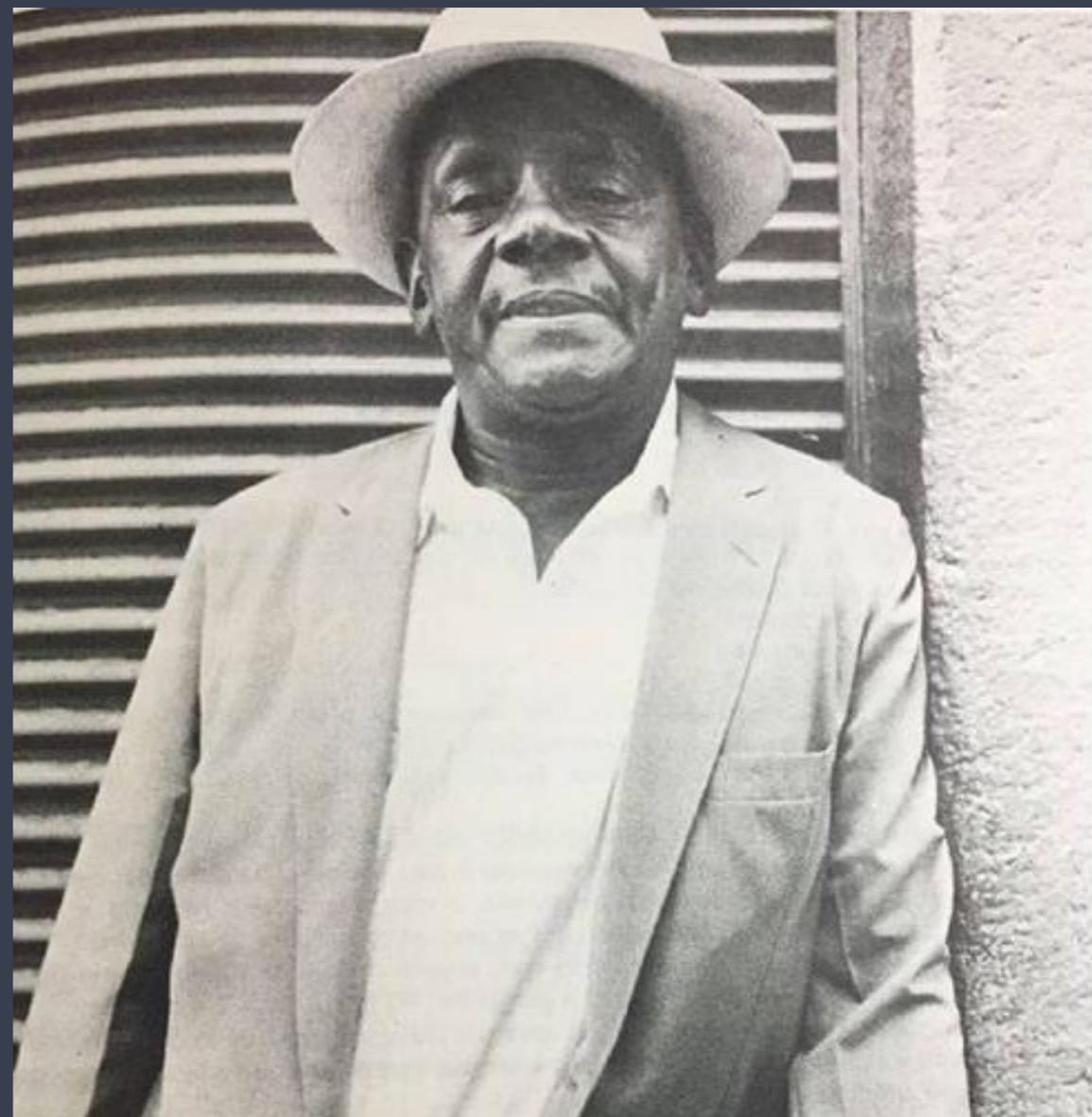
(depoimento de Tia Carmem—arquivo Corisco Filmes in Moura, 1995, p. 66)



Tia Carmem do Xibuca no altar de Cosme e Damião. Festa da Ibejada, 27 de setembro de 1980. Foto: Roberto Machado Júnior e Henrique Sodré. (MOURA, 1995).

Família consanguínea de Tia Ciata

Além das irmãs-de-santo, tia Ciata teve uma irmã de sangue conhecida no Rio de Janeiro, como Tia Mariato, mãe de Cachinha. Ainda na Bahia Tia Ciata conheceu Norberto da Rocha Guimarães, e desse primeiro relacionamento nasceu Isabel (MOURA, 1995). Já solteira e com uma filha para criar, se mudou para o Rio de Janeiro em 1876, onde começou a trabalhar como quituteira na Rua Sete de Setembro. Um tempo depois, conheceu João Baptista da Silva, também baiano, que cursou medicina em Salvador. Com João Baptista, Tia Ciata teve 14 filhos. O marido era funcionário público, teve ligação com a polícia como burocrata e isso também garantiu que o espaço da casa de Tia Ciata não fosse foco das batidas policiais. Uma de suas filhas, Glicéria, se casou com o baiano Guilherme, com quem teve o filho Bucy Moreira, compositor e instrumentista de samba (MOURA, 1995).



Buci ou Bucy Moreira, neto de Ciata. Foto: Walter Firmo, 1975.

Tia Ciata e João Baptista tiveram uma filha que ficou conhecida como Sinhá Velha. Ela, por sua vez, se casou com o mestre-sala e líder rancheiro Germano.

Dentre as outras filhas e filhos, o casal teve Noêmia, Mariquita, tocadora de pandeiro, Pequena, Macário e o caçula João Paulo da Silva, apelidado de Caboclo, que a exemplo do pai também estudou medicina. Fatumã, porta bandeira do Rancho Rosa Branca, e Caletu, pastora do Rancho Rei de Ouro, também suas filhas, conhecidas com nomes africanos.

Isabel, sua primeira filha teve Licínia da Costa Jumbaba, conhecida como Dona Lili, Santana da Costa Jumbaba, dentre outros filhos, nascidos no Rio (MOURA, 1995).

A bisneta Gracy Mary Moreira, filha de Bucy Moreira, é quem representa a Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC), um espaço cultural que mantém viva a memória de Hilária Batista de Almeida.



Dona Lili, Licínia da Costa Jumbaba, neta de Tia Ciata. Foto: Roberto Moura, 1995.

O legado das Tias Baianas

A importância das tias baianas nas comunidades negras do Rio de Janeiro é reconhecida pelas escolas de samba da cidade, e de outros estados, que obrigatoriamente as homenageiam com uma ala específica para as baianas. Esse reconhecimento ainda bastante restrito, também é visível nos nomes de algumas ruas e praças, em pesquisas biográficas, em obras artísticas, exposições e monumentos. As tias baianas, mas sobretudo Ciata, também estão presentes em letras de sambas e em sambas-enredo, uma referência à importância delas para o patrimônio cultural brasileiro.

Samba-Enredo Império Serrano
1983

MÃE, BAIANA MÃE

Baiana, baianinha boa

Teu requebro me
enfeitou Enfeitado,
sambando eu vou

Baiana mãe Baiana
É belo o teu pedestal

Eu te adoro e adorando
imploro teu carinho
maternal

Tia Ciata, mãe amor
O teu seio o samba alimentou

E a baiana se glorificou (bis)



Ala das Baianas da Escola de Samba Império Serrano. Foto: Sebastião Marinho, 1983.



Grafite de Wagner Trancoso, Ipojuca de Jesus, Jaime Arteiro e mais dois artistas em homenagem a Tia Ciata, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres e João da Baiana. Rio de Janeiro, Pedra do Sal, 2021. Foto: Bruno Bartholini.



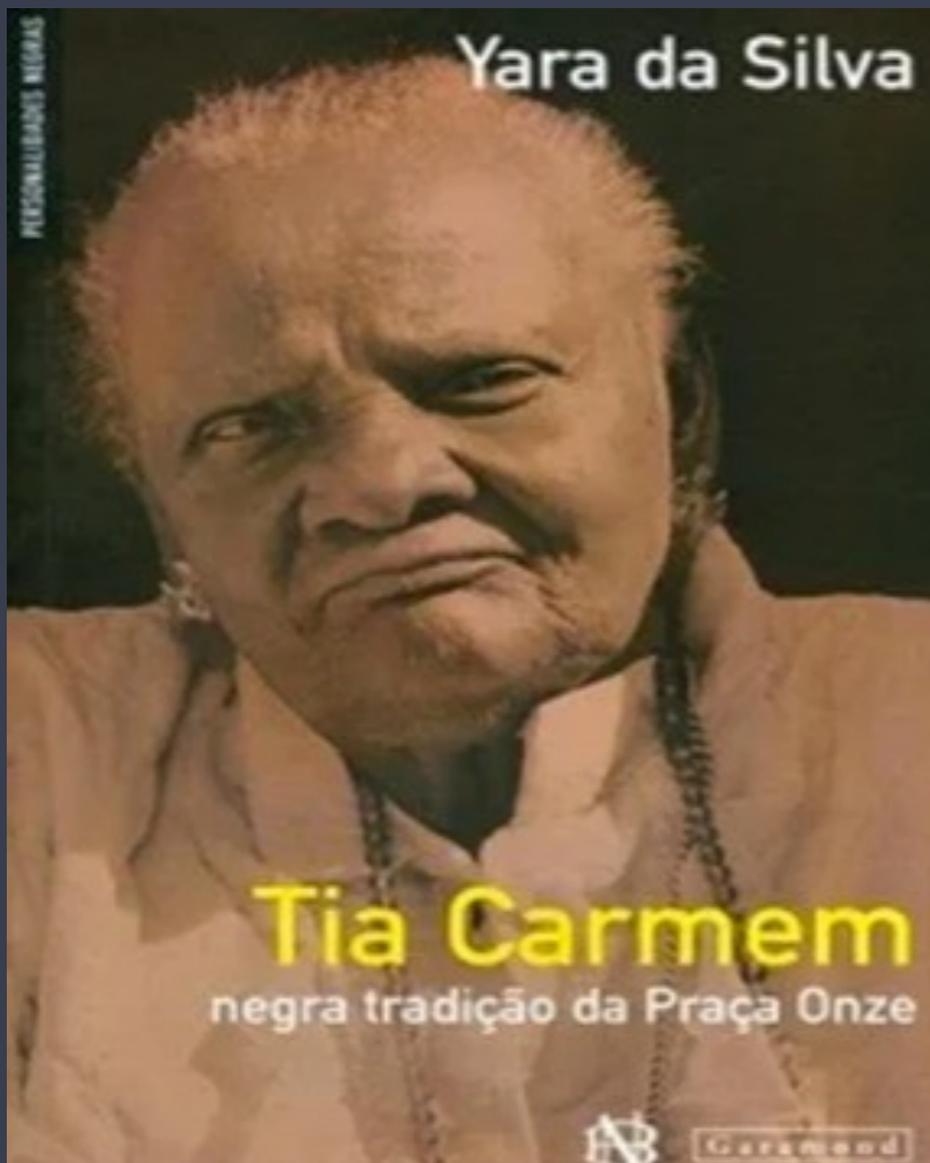
Grafite de Tia Lúcia, Rio de Janeiro. Lucia Maria dos Santos (1942-2018) era uma artista baiana que produzia suas artes com materiais recicláveis, organizava exposições com artistas da zona portuária e dava aulas de arte para crianças.



Banners expostos na Praça do Rosário de Santo Amaro-BA em homenagem à dignidade das matriarcas santamarenses, à proclamação da República, e ao dia da Consciência Negra. Criação e execução: Adilson Barbosa. Fotógrafo: Victor Hart. Foto: Luliane Sousa dos Santos, 2021. Algumas das fotografias aparecem identificadas apenas com: Unidade de Acolhimento Abrigo São Domingos – Santo Amaro (BA).



Jornal Repórter 2006. Arquivo: Centro Referencial de Documentação de Santo Amaro – BA. O jornal referencia Tia Ciata como matriarca do samba.



Livro: Tia Carmem. Negra Tradição da Praça Onze - Coleção Personalidades Negras de Yara da Silva, 2010. A autora é uma das netas de Tia Carmem do Ximbuca.



Filme "Tia Ciata". Direção: Mariana Campos e Raquel Beatriz, 2017. As performances artísticas do filme são protagonizadas pelo Coletivo Mulheres de Pedra, um grupo de mulheres negras do Rio de Janeiro.



Sede da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC). Autoria desconhecida. A ORTC é um espaço cultural que tem como objetivo manter viva a memória de Hilária Batista de Almeida. O espaço abriga uma exposição permanente sobre a mesma, e é um centro de desenvolvimento de projetos. Está situada na rua Camerino, número 5, no Centro do Rio de Janeiro (RJ). Para saber mais: <https://www.tiaciata.org.br/casa>



Fachada da Escola Tia Ciata no Rio de Janeiro. Reportagem da Agência: O Dia. Foto: Daniel Castelo Branco, 2020.

Inspirações para a pesquisa e exposição

Essa exposição também é fruto da pesquisa inspirada na trajetória de vida de Edna Santos Silva, minha avó, natural de Santo Antônio de Jesus-BA, Recôncavo Baiano. Sua mãe, Elizabete Gonçalves da Silva Santos, trabalhava na produção de charutos e com a separação do marido, Olegário Gonçalves da Silva Santos, migrou de Santo Antônio de Jesus para o centro da cidade de Salvador-BA. Elizabete mudou-se com sua neta mais velha, Luza, e seus seis filhos: Elizete Santos da Silva, Maria Conceição Santos da Silva, Iraildes Silva Campos, Osvaldo Santos da Silva, Geraldo Silva Santos e Edna Santos da Silva. Minha avó Edna era mais conhecida por sua família extensa, como tia Ed ou Dofona, termo do candomblé para se referir à primeira e única filha-iaô do barco de iniciação.

Foi a partir do seio da nossa família que tive meus primeiros contatos com a estrutura familiar para além dos laços consanguíneos, assim como a inquietação na busca de entender os sentidos da "mulher liberta", como sinônimo de ousadia. Minha avó se espantava quando eu, ainda criança, surgia com respostas astutas e me repreendia com um:

"você está muito liberta!". O direcionamento desta pesquisa se deu também na intenção de entender o lugar da Tia, da mulher feita que tinha um cargo nos terreiros de Candomblé, assim como de compreender as relações familiares que estruturavam e estruturam as famílias negras. A exposição abre possibilidades para entender essa tal de política do cotidiano presente em cada uma dessas narrativas, seja de uma personalidade conhecida, como tia Ciata, seja de uma mulher negra, tida como sujeito comum.



Foto: Arquivo Pessoal. Simões Filho-BA, 2019. Da direita para a esquerda: Edna Santos da Silva, Tia Ed ou Dofona *in memoriam*. No centro, Luza - Maria Luzinete da Silva Silva, sua sobrinha mais velha, filha de Elizete, sua irmã mais velha e Irailde Silva Campos (sobrenome depois casada), sua irmã mais nova, hoje com 82 anos.